

SP
0088

DÁRDANO DE A. LIMA



id.
4440

AS MATAS DO ENGENHO SÃO PAULO, PARAÍBA

DÁRDANO DE A. LIMA

Em quase todos os trabalhos sobre vegetação do Brasil, refere-se a ocorrência de florestas costeiras, do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul, mas poucos são os casos em que é dado qualquer esclarecimento sobre, pelo menos, a composição e estrutura dessas florestas.

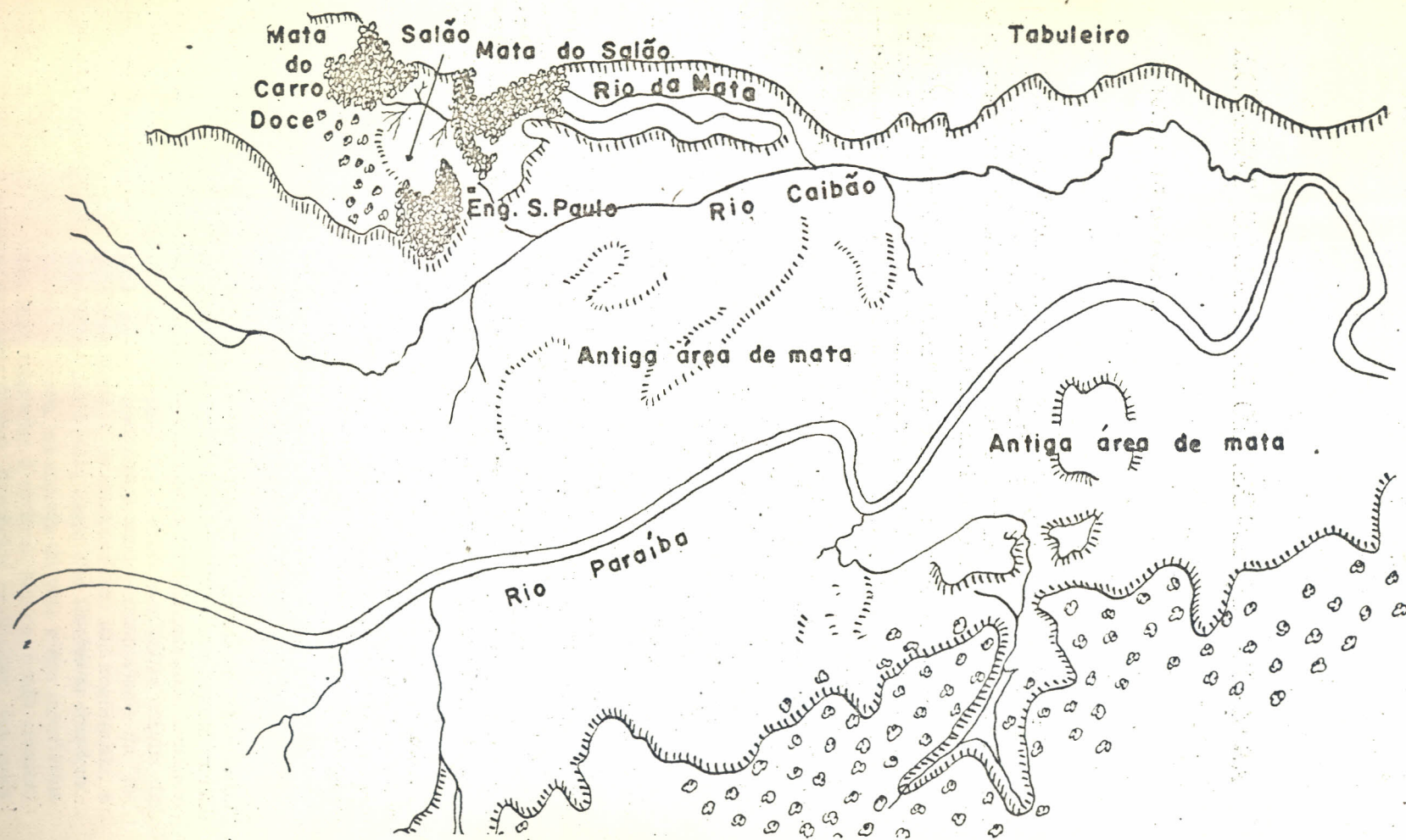
Se, em alguns Estados, o corte da floresta oriental-brasileira reduziu a um mínimo a sua área, na Paraíba, onde tinha localização quase exclusiva nos vales dos principais rios — Gramame, Paraíba, Mamanguape e Camaratuba — foi quase totalmente substituída pela lavoura da cana de açúcar, o que é bem exemplificado, no vale do Paraíba, com a implantação do parque açucaceiro das Usinas Santa Rita, São João e Santa Helena.

Não obstante, em certos vales estreitos, de difícil acesso, de afluentes ou subafluentes do Paraíba, a retirada da floresta ainda não se processou integralmente, e nessas relíquias, pode-se, ainda, buscar uma idéia do que, no passado, deve ter sido a cobertura florestal daquela área.

Em novembro de 1968, tive oportunidade de visitar um desses locais, de que apresento agora, sucinto relato.

Situa-se em terras do engenho São Paulo, município de Cruz do Espírito Santo, a, aproximadamente, 30 kms do litoral paraibano. O engenho, de um modo geral, abrange terras na grande várzea do Paraíba, terras na encosta, e terras no "tabuleiro". A várzea do Paraíba é quaternária, embora em certos trechos nela aflorem rochas cristalinas (gneiss, etc.). As terras do tabuleiro pertencem aos sedimentos do grupo Barreiras, sobre os quais vem a erosão remontante atuando mais ou menos intensamente, dando origem a um relevo de suave a intenso, onde se instalou uma drenagem perene, através de pequenos e médios cursos d'água que alimentam o Paraíba. Digno de nota é o lençol de canga que, profundo, determina a formação de fontes, nas encostas baixas, alimentadas pelas águas que, caídas sobre os tabuleiros arenosos, vão lentamente se infiltrando.

No engenho São Paulo, a principal linha de drenagem é formada pelo "rio da Mata", que nasce numa área mais ou menos pantanosa, com rebordos íngremes, pelo desbarrancamento dos sedimentos das Barreiras, no interior da "mata do Carro Doce". O pequeno rio corre no interior da mata em vale medianamente profundo, que se continua por uma área desmatada, em algum tempo utilizada para agricultura e agora, abandonada, sendo reinvasada por vegetação exuberante, de pequeno porte. Esse vale dirige-se a uma ampla bacia, de relevo suave, para onde também conversem diversos pequenos córregos. Essa área abaciada é, localmente, denominada de Salão, e vem sendo utilizada para agricultura. Além do Salão, o rio da Mata volta a correr em vale profundo e aí, novamente foi deixada a cobertura florestal, embora desfalcada das espécies produtoras de melhores madeiras. Esse trecho de mata recebe o nome de mata do Salão. Tanto a mata do Carro Doce, como a do Salão, são apenas relíquias, bastante modificadas, do revestimento florestal que recobria todo o vale do rio da



Mata e demais córregos locais e, em alguns casos, seus interflúvios, continuando para o vale do Caibão, receptor daquele, indo unir-se ao maciço florestal da várzea do Paraíba (Figs. 1 e 2).

Para bem compreender, então, aquelas florestas, devem ser levados em conta, pluviosidade, solos, relevo, drenagem e ação humana.

Não há anotações da pluviosidade local, podendo, no entanto, ser utilizados os pluviogramas de João Pessoa, um outro traçado com base nos mapas pluviométricos mensais, apresentados por Santos (1960) e, para simples comparação, o de Goiana, Pernambuco. Há uma diminuição de pluviosidade, de Goiana para João Pessoa e daí para Cruz do Espírito Santo, embora com o mesmo regime de chuvas (Fig. 3). Avizinha-se a área de mudança dos climas As' para Aw'' (Andrade, 1964) ou As'', notação possivelmente mais apropriada, no entender de Souza Reis (comunicação oral), para Canguaretama, no Rio Grande do Norte, com dois máximos no inverno. As chuvas caídas na área de Cruz do Espírito Santo ainda são suficientes para manter, nos vales, encostas e pequenos interflúvios, uma vegetação do tipo florestal.

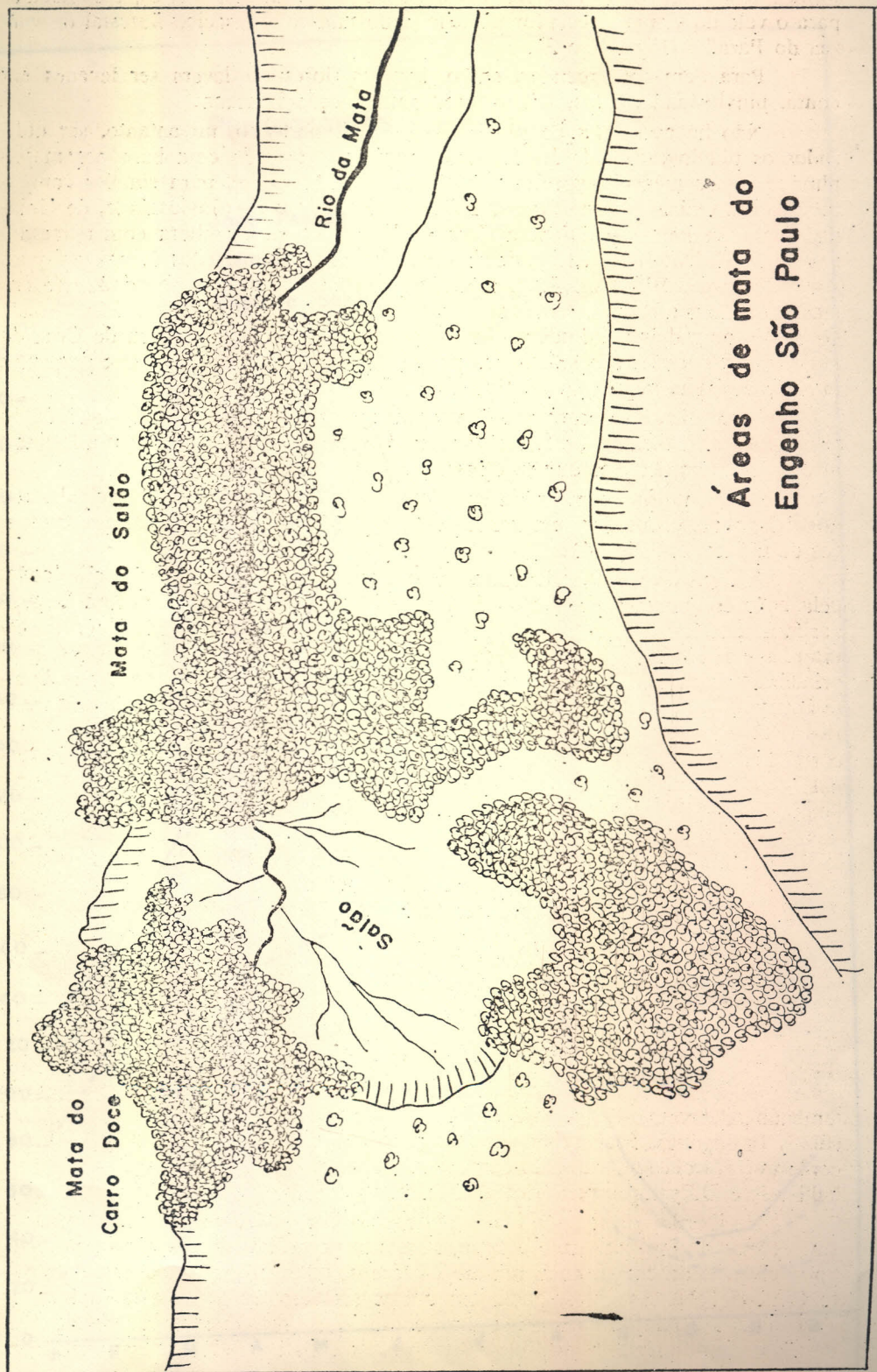
Uma primeira observação demonstra que as matas do engenho São Paulo pertencem, sem dúvida, às florestas megatérmicas pluviais costeiras nordestinas, mas apresentam detalhes que vale ressaltar.

Não é uniforme em toda sua área, podendo-se observar, principalmente nos vales mais profundos, um zoneamento específico, com as resultantes mudanças de fisionomia (Fig. 4).

A flora do rio propriamente, já está muito modificada, se não eliminada, pela ação frequente do homem. Segue-se em ambas as margens, com largura variável, estreita várzea. Bem próximo ao rio, são frequentes indivíduos de *Simaruba versicolor* (praíba) e *Vochysia oblongifolia* (bulandi), esta última, pela primeira vez observada fora de Pernambuco. O ambiente é, ali, bem semelhante àquele de onde proveio o material típico da espécie, às margens de pequenos rios (Beberibe e outros) que também se alimentam da água que se infiltrara em correlatos sedimentos das Barreiras. Ainda na várzea, em áreas mais encharcadas, são comuns, *Symphonia globulifera* (bulandi de leite, bulandi amarelo, gulandi) e *Callophyllum brasiliense*. Na várzea menos úmida, na encosta úmida e nos baixos interflúvios, as espécies arbóreas como que repetem o quadro das matas úmidas de Pernambuco e Alagoas, embora com tendência à caducifolia. Entre as espécies mais comuns, estão ali representadas: *Inga fagifolia* (ingai), *Tapirira guianensis* (pau pombo, cupiúba), *Byrsonima sericea* (murici), *Lucuma grandiflora* (oiti trubá), *Ocotea glomerata* (louro), *Pithecolobium avaremotemo* (barbatimão), *Bactris ferruginea* (coquinho), *Thyrsodium salzmännianum* (caboatã de leite), *Eschweilera luschnatii* (embiriba), *Plumeria bracteata* (angélica da mata), *Bactris mindellii* (maraiá), *Parkia pendula* (visgueiro), (pela primeira vez referida, para a Paraíba) *Protium heptaphyllum* (amescla), *Dialium guianense* (pau ferro da mata), *Attalea oleifera* (representada, no interior da mata, por indivíduos acaules, vulgarmente denominados pinduí). *Pourouma* cf. *guianensis* (embaúba da mata), *Stryphnodendron pulcherrimum* (favinha), *Bombax* cf. *gracilipes* (munguba), *Macgravia pendula*, *Lecythis* sp. (sapucaia), *Aparisthium cordatum*, *Cordia nodosa* (grão de galo), *Amanoa* sp., *Souroubea guianensis* var. *bahiensis* e *Didymopanax morototoni* (sambaquim).

No interior da mata o rio é alimentado por pequenos córregos formados em re cortes da escarpa, onde a água, aflorante por sobre um leito impermeável, possivelmente de canga, encharca amplas áreas, quase impossibilitando o trânsito (Fig. 5). Nessas áreas, como em outras semelhantes das matas úmidas de Pernambuco e Alagoas, instala-se uma comunidade com predominância da "juçara", elegante palmeira do gênero *Euterpe*, de espécie ainda não confirmada, a que se associam algumas pteridófitas paludícolas, entre elas *Blechnum scandens*.

A medida que se elevam os níveis, na encosta do vale e nos interflúvios baixos, vão surgindo espécies mais tolerantes à carência hídrica, sendo comuns: *Qualea glaziovii*, *Copaifera* sp. (pau d'óleo), *Bowdichia virgilioides* (sucupira mirim), *Luehea ochrophylla* (pereira da mata), *Aspidosperma limae* (pitá man-

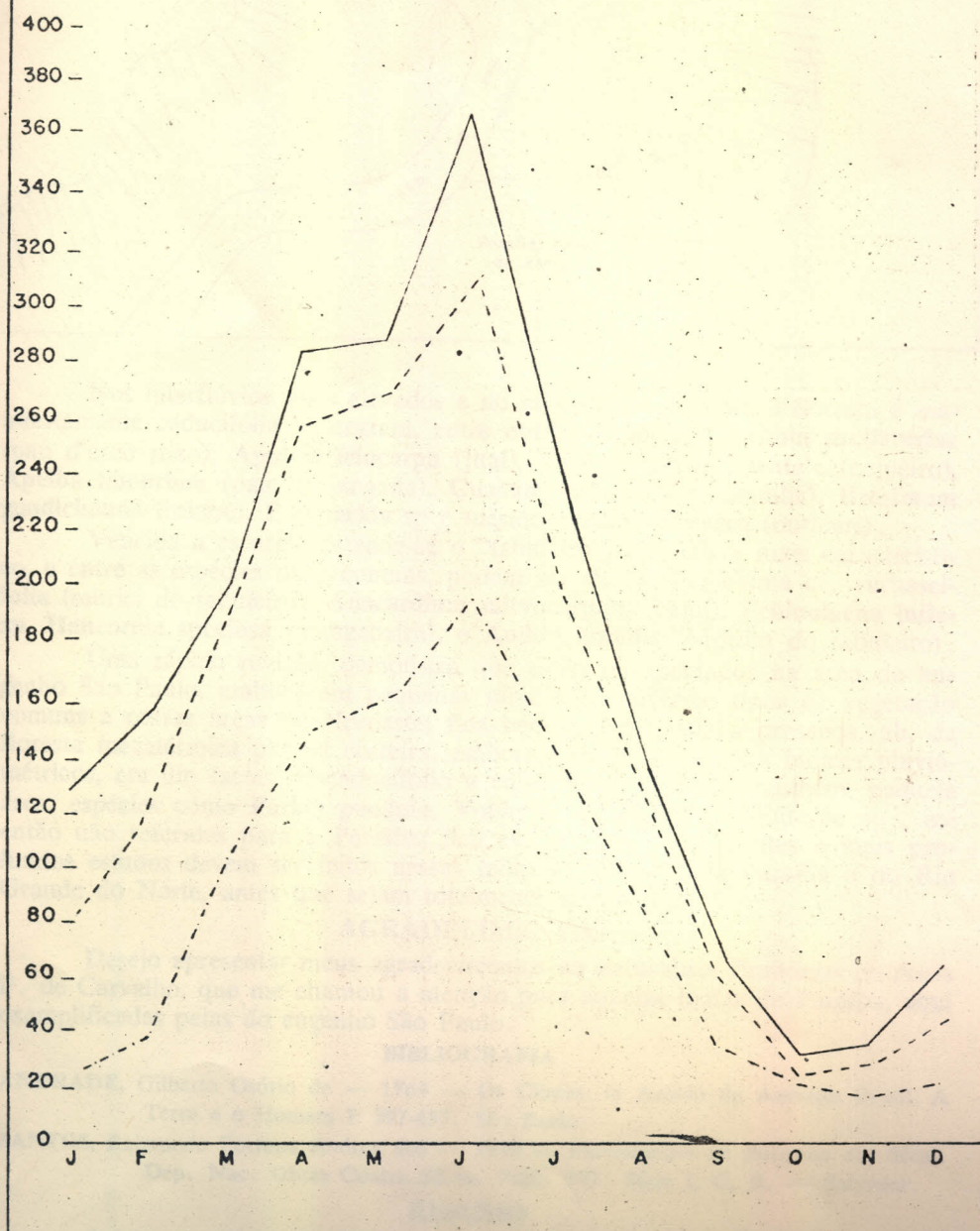


Pluviogramas

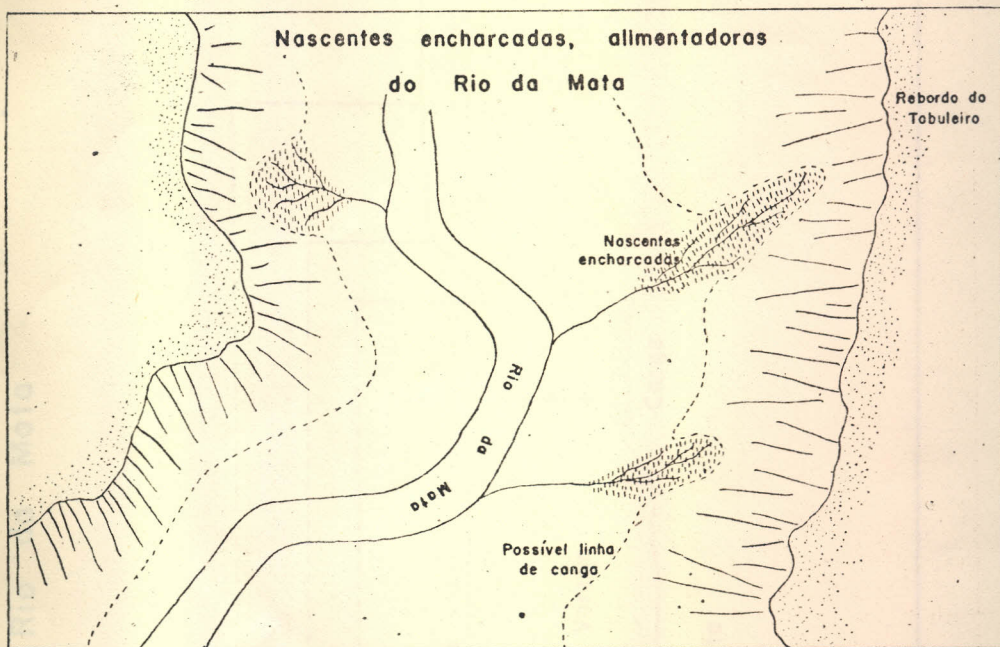
João Pessoa

Goiana

Espírito Santo



dioca), *Hymenaea martiana* (jatobá), *Manilkara* cf. *salzmannii* (maçaranduba), *Pogonophora shomburgkiana* (cocão), *Diploptropis purpurea* (sucupira açu), *Buchenavia capitata* (embirinditã) e *Clusia* sp. (pororoca).



Nos interflúvios mais elevados e no rebordo da escarpa, a floresta é manifestamente caducifólia e ocorrem, entre outras espécies: *Tabebuia avellanadae* (pau d'arco roxo), *Apuleia leiocarpa* (jitaí), *Anacardium occidentale* (cajuero), *Apeiba tibourbou* (pau de jangada), *Guazuma ulmifolia* (mutamba), *Brosimum gaudichaudii* (inharé), *Esenbeckia* sp. e mesmo *Syagrus oleracea* (ouricuri).

Vencida a escarpa, estende-se o "tabuleiro", de mais a mais característico, e entre as espécies mais comuns, podem ser citadas: *Byrsonima* cf. *verbascifolia* (murici do tabuleiro), *Anacardium microcarpum* (cajuí), *Echinolaena inflexa*, *Hancornia speciosa* (mangabeira), e *Andira humilis* (angelim do tabuleiro).

Uma rápida revisão, demonstra que estão representados na área do engenho São Paulo, embora em pequenas dimensões, diversos tipos de vegetação comuns a outras áreas do Nordeste; fica bem caracterizada a presença, ali, da floresta megatérmica pluvial costeira, embora, devido a menores índices pluviométricos, em um facies subcaducifólio a caducifólio; ocorrem, também, naquela área, espécies como *Parkia pendula*, *Vochysia oblongifolia* e *Euterpe* sp., até então não referidas para a Paraíba; fica evidenciado que urgentes e mais profundos estudos devem ser feitos nessas relíquias de mata da Paraíba e do Rio Grande do Norte, antes que sejam totalmente eliminadas.

AGRADECIMENTOS

Desejo apresentar meus agradecimentos ao naturalista Francisco de Assis F. de Carvalho, que me chamou a atenção para aquelas matas da Paraíba, aqui exemplificadas pelas do engenho São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Gilberto Osório de — 1964 — Os Climas, in Aroldo de Azevedo Brasil, A Terra e o Homem I: 397-457. São Paulo.
- SANTOS, Raimundo Fortuna Andrea dos — 1960 — Pluviometria no Polígono das Sêcas. Dep. Nac. Obras Contra Sêcas. Publ. 207. Série I, G, B. — Salvador.

RESUMO

É feita descrição resumida de uma área de floresta no município de Cruz do Espírito Santo, Paraíba, com observações sobre pluviosidade e relevo, sendo apresentadas as principais espécies vegetais, segundo sua distribuição local.

Corte esquemático do Rio da Mata

